**ENVELHECIMENTO FEMININO: IMPACTOS EMOCIONAIS E SOCIAIS.**

De Sousa, Yarley Laila Montteiro ¹

Nascimento, Erika Maria da Silva2

Bezerra, Ana Flávia do Nascimento 3

Cardoso, Elizama dos Santos 4

Dos Santos, Denyse Pereira 5

**RESUMO:** A importância da “boa aparência” nos dias atuais, em tempos de supervalorização da imagem, é fundamental para o convívio social das pessoas. Constituir uma “boa imagem” torna-se fundamental no mundo das essencialidades, na busca por satisfatórias relações interpessoais, pelo que se vê, na forma como se apresenta e no que parece ser. Carlos Drummond de Andrade, no poema “As contradições do corpo”, tematiza o confronto entre a essência e a aparência; a luta entre o desejo e o instinto e a tensão entre interior e exterior (FLORIANI; MARCANTE; BRAGIO, 2010).O presente trabalho tem o intuito de apresentar de forma prática o envelhecimento feminino, afim de desobjetificar a visão das mulheres sobre si mesmas, desassociando sua imagem corporal dos padrões impostos socialmente, ressignificando suas cicatrizes, relacionando-as a todas as suas vivências, que serviram de alicerce para a construção da sua subjetividade. A metodologia utilizada é um relato de caso oriundo das práticas extensionistas da universidade e aplicadas na casa das Samaritanas, localizada no município de Parnaíba do estado do Piauí, instituição não governamental de acolhimento à mulheres em situação de vulnerabilidade decorrente do uso de entorpecentes, utilizando como facilitador uma atividade simples que consistia no uso de uma caixa e um espelho afim de que as participantes manifestassem verbalmente como as mesmas se percebiam. A fundamentação teórica é pautada nos dados provenientes da *International Society of Aesthetic Plastic Surgery* e ademais artigos que abordam a temática. A atividade foi aplicada em um grupo de 7 mulheres que residem na instituição, com amplitude de 18 à 63 anos e medidade de 41,5. Com base nos resultados obtidos, foi percetível que havia uma diversidade de maneiras com as quais as participantes relacionavam sua imagem corpórea. As mesmas refletiam suas vivências e expectativas em relação a si próprias, o que pode justificar a diversidade de respostas.

**Palavras-Chave:** Objetificação; Autoimagem; Procedimentos.

**E-mail do autor principal:** Yarleylayla@gmail.com

¹Psicologia, UNIRB, Parnaíba-Piauí, Yarleylayla@gmail.com.

²Psicologia, UNIRB, Parnaíba-Piauí, einha2011@hotmail.com.

3Psicologia, UNIRB, Parnaíba-Piauí, af343928@gmail.com.

²Psicologia, UNIRB, Parnaíba-Piauí, elizamacardoso35@gmail.com.

²Psicologia, UNIRB, Parnaíba-Piauí, santosdenyse@gmail.com.

**1. INTRODUÇÃO**

 A sociedade impõe um corpo padrão cotidianamente, pois é nele e por ele que as pessoas sentem, desejam, agem e criam. Viver nesse sentido de expor a aparência física faz com que se assumam funções e poderes que dão acesso ao mundo, abrem a presença corporal um do outro (FLORIANI; MARCANTE; BRAGIO, 2010). Em vista disso, a aparência tem total relação com as oportunidades que alguém pode ou não ter, em especial para as mulheres.

Verifica-se, atualmente, um novo cenário brasileiro. O aumento da expectativa de vida e, dentre as diversas alterações fisiológicas e patológicas que ocorrem com o aumento da idade, há uma busca constante pela “juventude eterna”. Nesse contexto, acentua-se a preocupação das mulheres com a aparência, que é agravada pelo climatério, pois o corpo já não tem o mesmo vigor, levando, muitas vezes, a uma distorção da imagem corporal, com consequente insatisfação e autoestima debilitada.

Como exposto por BERCHT e COSTA (2018), assim como a mulher vitoriana era reduzida ao seu papel reprodutivo, a mulher atual é reduzida à beleza e ao valor estético. Destarte, lhe é imposto a ideia de que a estética é um bem sagrado que deve ser constantemente protegido. Essa visão objetificada da mulher foi evoluindo com o passar do tempo e pode ser facilmente exemplificada quando direcionamos nosso olhar pro aumento de procedimentos executados.

 O Brasil lidera o Ranking de realização de cirurgias estéticas perdendo somente para os Estados Unidos. De acordo com uma pesquisa da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética realizada em 2020, o Estados Unidos realizou um número de 4.667.931 procedimentos, sendo 3.182.815 de procedimentos não cirúrgicos e 1.485.116 cirúrgicos, enquanto que o Brasil realizou um total de 1.929.359, onde 1.306.962 são cirúrgicos e 622.396 não são cirúrgicos.

 Mediante isso, é necessário utilizar mecanismos para trabalhar essas crenças nucleares, que foram enrijecidas ao longo da vida dessas mulheres, afim de acessá-las e ressignificá-las com o intuito de promover aceitação e bem-estar em relação ao seu corpo. Compreendendo que o envelhecer é um processo natural, e que suas cicatrizes são fruto de suas vivências e experiências acumuladas durante suas vidas.

 A partir disso, com o propósito de trabalhar de forma prática o envelhecimento feminino, foi elaborado uma atividade prática e executada com um grupo de mulheres em uma casa de acolhimento a mulheres em situação de vulnerabilidade, afim de desobjetificar a visão dessas mulheres sobre si mesmas, desassociando sua imagem corporal dos padrões impostos socialmente, ressignificando suas cicatrizes, relacionando-as a todas às suas vivências, que serviram de alicerce para a construção da sua subjetividade.

**2. MATERIAIS E MÉTODOS**

Foi realizada uma visita, no dia 10 de novembro de 2022, na casa das Samaritanas, local de acolhimento feminino, que promoveu a realização de uma atividade simples, onde foi solicitado que cada uma se apresentasse e informasse a sua idade. Após a apresentação individual de cada uma, elas receberam uma caixinha contendo um espelho. Em sequência, lhes foi questionado o que cada participante observou ao receber a caixinha. Ao decorrer da atividade proposta, as mesmas relataram sobre o que cada cicatriz, ruga e olheira representava para elas, deste modo, gerando reflexão sobre a temática e promovendo discussões sobre o envelhecimento e a objetificação feminina.

A atividade foi aplicada em um grupo de 7 mulher em situação de vulnerabilidade que residem na instituição e que se encontram em processo de tratamento de afastamento de uso de drogas. O grupo tinha amplitude de 18 à 63 anos, com medidade de 41,5. Deve ser levado em consideração que uma das participantes alegou não possuir idade, em decorrência disso só foi obtido a idade de 6 participantes.

**3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

 Inicialmente, a maioria das participantes apresentaram resistência à atividade, mas ao decorrer da troca entre as participantes e as colaboradoras foi observado uma diminuição dessa resistência apresentada inicialmente e assim, um aumento da interação por parte de algumas. Houve uma diversidade de maneiras com a qual elas se observavam. Algumas iam de forma literal como "vejo eu, um caixa, um espelho", ou uma avaliação mais física como " bochechuda".

 As duas participantes mais jovens que possuíam 18 e 19 anos, estavam na companhia de seus filhos e, diferentemente das demais participantes, quando olhavam pro espelho relacionavam sua imagem corporal aos objetivos que as fizeram ir para a instituição de acolhimento, percebendo-se como mulheres fortes que, apesar de terem passado por muita coisa, acreditavam em sua melhora em relação as drogas e que iriam superar toda aquela situação na qual se encontravam. Já as três mais aceleradas em idade do grupo 53, 59 e 63 anos, divergiam em suas percepções.

A participante de 53 anos, diferentemente das outras, se enxergava como uma " louraça" e demonstrou orgulho de sua aparência corporal, o que ficou enfatizado quando a mesma relatou que as pessoas costumavam dizer a ela que a mesma não demonstrava possuir a idade que possuía, aparentando ser bem mais jovem. A participante de 59 anos associou o que via aos seus filhos, depois de relatar seu nome e idade, ela mencionou que enxergava uma mãe de dois filhos e alguém feliz. Já a participante de 63 anos ao se olhar no espelho só utilizou uma palavra para se descrever: "sofrida". A avaliação que ela fez de si própria era perceptiva para os colaboradores, não pelo fator da idade, mas pelo semblante da própria participante.

Também foi compartilhado pela participante de 19 anos uma experiência vivida por ela em relação às suas estrias, que em um momento de laser foi questionada por utilizar biquíni depois de ter seu filho mais novo. A mesma relatou que, quando questionada, respondeu não ter porque se envergonhar daquilo que foi resultado do seu filho, pois era o que tinha de mais precioso em sua vida. Neste relato foi confirmado as percepções iniciais da mesma e observado o sentimento de felicidade e orgulho ao compartilhar a experiência.

 **4. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nos resultados obtidos, foi percetível que havia uma diversidade de maneiras com as quais as participantes relacionavam sua imagem corpórea. Elas refletiam suas vivências e expectativas em relação a si próprias, o que pode justificar a diversidade de respostas.

 As mulheres que estavam acompanhadas de seus filhos relacionavam suas imagens ao desejo de estarem livres do vício para poderem cuidar dos filhos, e assim enxergavam-se como mulheres resiliêntes que apesar de terem suas cicatrizes, não possuíam vergonha ou ressentimento delas pois lhes remetia aos filhos, assim como a participante de 59 anos que apesar de não acompanhada de seus filhos, logo de imediato atribuiu a maternidade como sendo a primeira coisa que via.

 Já a participante que não sabia informar a idade (aparentava ter entre 30 a 40 anos) e as de 37 e 63 anos, focalizaram em atributos estéticos, sendo eles literais ou reflexos de suas próprias vivências, tornando a participante mais velha a que mais demonstrou atribuir sua aparência o peso de sua trajetória.

Em suma, a atividade teve resultados positivos no que diz respeito a forma com a qual essa mulheres enxergavam a si próprias e a troca entre elas e as colaboradoras. Também foi percetível como o olhar das mesmas sobre si tinha relação em como elas vislumbravam sua própria trajetória, que apesar de demonstrarem conformidade com sua aparência, ainda assim achavam falhas ou algo que consideravam agradável.

 Como relatado pela participante de 19 anos ao demonstrar conformidade com suas estrias, causou surpresa e talvez até mesmo desconforto por não se importar em estar ou não em conformidade com os padrões de como o seu corpo deveria aparentar e se negar a se envergonhar por ele.

 Deste modo, a atividade cumpriu seu papel como mecanismo de acesso e troca entre as participantes e colaboradoras, assim como de forma prática foi exemplificado a relação entre imposições sociais sobre a aparência corporal e o bem estar no envelhecimento feminino.

**REFERÊNCIAS**

AGUIAR, A.; CAMARGO, B. V.; BOUSFIELD, A. B. S. Envelhecimento e prática de rejuvenescimento: Estudo de representações sociais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 3, p. 494-506, 2018.

BERCHT, Ana Maria; COSTA, Angelo Brandelli. OBJETIFICAÇÃO E SAÚDE MENTAL. In: **VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade**. Anais, Rio Grande: Ed. da FURG, 2018.

CEPELLOS, M. V. FEMINIZAÇÃO DO ENVELHECIMENTO: UM FENÔMENO MULTIFACETADO MUITO ALÉM DOS NÚMEROS. **Revista de Administração de Empresas**. v. 61, n. 2, 1-7, 2020

DURIDAN, A.; SANTOS, D. F.; GATTI, A. L. Autoestima e cuidados pessoais em mulheres de 60 a 75 anos. **Aletheia**, v. 43-44, p. 174-87, 2014.

FIN, T. C., et al. Estética e expectativas sociais: o posicionamento da mulher idosa sobre os recursos estéticos. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo (SP), Brasil, v. 18, n. 4, p. 133-149, 2015.

FISTAROL AUDINO, M.; SCHMITZ, A. Cirurgia Plástica e Envelhecimento. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 9, n. sup.1, p. 21-26, out. 2013.

FLORIANI, F. M.; MARCANTE, M. D. da S.; BRAGGIO, L. A. Auto-estima e auto-imagem: a relação com a estética. **Universidade do Vale do Itajaí** – UNIVALI, Balneário Camboriú, Santa Catarina, 2010. Disponível em: <https://siaibib01.univali.br/pdf/Flavia%20Monique%20Floriani,%20M%C3%A1rgara%20Dayana%20da%20Silva%20Marcante.pdf >. Acesso em: 10 mar. 2023.

Global survey 2020: Full report and press release in English. **ISAPS**, 2020. Disponível em: <https://www.isaps.org/discover/about-isaps/global-statistics/reports-and-press-releases/global-survey-2020-full-report-and-press-releases-english>. Acesso em: 13 de março de 2023.

SANTOS, F. H; ANDRADE, M. V; BUENO, O. F. A. Envelhecimento:um processo multifatorial. **Psicologia em Estudo.** Paraná,v. 14, n. 1, p. 3-10. 2009.

TORRES, T. L. et al. Representações sociais e crenças normativas sobre envelhecimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 12, p. 3621-30, 2015.

VALENÇA, C. N., NASCIMENTO FILHO, J. M. D., & GERMANO, R. M. (2010). Mulher no climatério: reflexões sobre desejo sexual, beleza e feminilidade. **Saúde e Sociedade**, 19, 273-285.

World Population Ageing 2019. **United Nations**, 2020. Disponível em: <https://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/ageing/WorldPopulationAgeing2019-Report.pdf>. Acesso em: 13 de março de 2023.